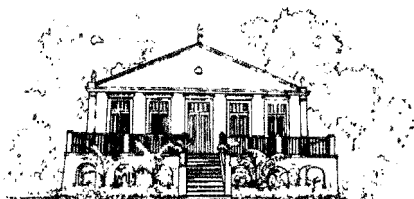


PR/SCT/CNPq
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

TALENTO E ATITUDE:
Estudos Biográficos do Museu
Emílio Goeldi, I.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Belém – Pará
Outubro 1989



PR/SCT/CNPq

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Presidente: José Sarney

SECRETARIA ESPECIAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Secretário: Décio Leal de Zagottis

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

Presidente: Crodowaldo Pavan

Vice-Presidente: José Duarte de Araújo

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Diretor: Guilherme M. de La Penha

Vice-Diretor de Pesquisas: José Guilherme Soares Maia

Vice-Diretor Executivo: Celso Martins Pinto

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO

Presidente: Guilherme M. de La Penha

Vice-Presidente: Adélia E. de O. Rodrigues

Apoio Editorial: Lais Zumero, Graça Overal e Lairson Costa

Cunha, Osvaldo Rodrigues da.

Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I/Osvaldo Rodrigues da Cunha. - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

160 p.: il. - (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

ISBN: 85-7098-031-2

1. PESQUISADORES-Biografia. 2. MUSEU PARAENSE
EMÍLIO GOELDI-Pesquisadores. I. Título.

CDD: 925

CDU: 929

© Direitos de cópia/Copyright 1989
por/by PR/SCT/CNPq Museu Goeldi

Agradecimentos

Em singelas palavras o autor faz questão de agradecer em princípio a atenção e o empenho que o diretor do Museu, Dr. Guilherme M. de La Penha, vem manifestando com grande interesse às pesquisas científicas específicas da instituição e aos respectivos estudos históricos, restaurando alguma parcela do passado e publicando trabalhos neste campo, a fim de que a memória de homens e

eventos não venha a desvanecer-se definitivamente. Agradecemos também a Lais Zumero, da Comissão de Editoração do Museu, pela revisão cuidadosa e paciente da parte literária e pelo veemente interesse que vêm demonstrando para que o presente trabalho fosse o quanto antes publicado e também por outros em vias de o serem.

Sumário

Apresentação	12
Prefácio	14
Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880)	20
Francisco da Silva Castro (1815-1899)	48
Edgar Leopold Layard (1824-1900)	54
Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888)	59
José Ferreira Cantão (1827-1893)	62
José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906)	65
Charles Frederick Hartt (1840-1878)	69
Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912)	77
Herbert Huntington Smith (1851-1919)	80
Maria Elizabeth Emflia Sneathlage (1868-1929)	83
Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946)	103
Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957)	122
Paul Vincent Ledoux (1898-1984)	138
Walter Alberto Egler (1924-1961)	150

Apresentação

Sonhar e observar, defender-se e buscar sobreviver, ensinar e educar, comunicar e informar, organizar e gerar conhecimentos são todas as ações e atitudes que se mesclam nos perfis da mulher e dos homens que o Pesquisador *Oswaldo Cunha* traça neste trabalho.

Toda nova geração adota novos padrões, novos líderes, novas crenças, novos mitos e enquanto fazem isso com entusiasmo acumulam, sem saber, experiência para vir a valorizar - ao chegar a fase de ceder sua vez - o trabalho daqueles que a antecederam. Infelizmente sempre se chega tarde à real história da ciência, mas felizmente nunca o suficientemente tarde para que dela não se possam tirar lições.

O *Museu Goeldi* atual é fruto das contribuições de dezenas de homens ao longo de doze décadas. *Oswaldo Cunha*, cientista respeitado, autodidata admirável, na madureza de sua carreira se dispõe a levar a cabo o projeto de buscar retratar as parcelas maiores na construção do todo hoje existente. Ele o faz não com o instrumental do historiador profissional, mas com o viés de um autor com experiência análoga a de seus retratados: a disciplina do trabalho científico, o cansaço da liça

pelo reconhecimento que nunca chega em vida, o treino no debate constante da ciência por sobreviver no ambiente hostil amazônico e brasileiro.

Dos sonhos e decepções do fundador *Ferreira Penna* à realidade e fatalidade de *Walter Egler*, *Oswaldo Cunha*, nesta primeira série, traça um perfil temporal de uma instituição ainda em continuada construção, sob a ameaça da adversa realidade sócio-econômica nacional.

Oswaldo Cunha orgulha duplamente o *Museu Goeldi*. De um lado por sua contínua e diversificada produção, desde a juventude, e que passa por quase todas as disciplinas de que se ocupa este *Museu*; de outro, por documentar a tradição de uma instituição que sempre buscou manter seu ideal filomático graças ao esforço, trabalho, zelo e competência daqueles aos quais nunca foi dada a oportunidade de decidir sobre os rumos da Amazônia; só o de trilhar suas sendas, desvendar parte de seus segredos, sonhar em seus mistérios e lamentar sua destruição.

6 de Outubro de 1989

Guilherme M. de La Penha
Diretor Geral
MPEG/CNPq/SCT

Prefácio

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição científica, artística e cultural é feita por homens e mulheres. O homem fez a História e a História fez o homem. A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das idéias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade, a vida de uma pessoa em particular e a sua manifestação na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia.

“Evidentemente, o conhecimento histórico é um conhecimento científico, ainda que sua exposição seja ao mesmo tempo uma arte”. Assim se expressou o historiógrafo espanhol Luiz Pericot Garcia (“El Estudio de La História” em *Enciclopedia Labor*, 1958 (5):XXI-XL), abordando o estudo do passado.

É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado. Este conceito é atribuído a Alexis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês. O caminho mais equilibrado para compreendermos os acontecimentos históricos, os en-

tendidos afirmam, é conhecendo e estudando a vida das pessoas que mais influenciaram o desenvolvimento dos acontecimentos. Por isso, a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época e tudo o que as personagens mais salientes daquele cenário contribuíram para o progresso ou retrocesso da sociedade humana.

Os estudos biográficos no Brasil, aliás tema de suma importância para o nosso país, jamais tomaram delineamentos científicos e históricos com encadeamento. Ocorrem apenas trabalhos esparsos, incompletos e sem precisão no tempo e no espaço, salvo algumas exceções no século passado como a antiga obra de Augusto Sacramento Blake (1827-1903), o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 7 volumes entre 1883 e 1902. No atual século apareceram alguns pequenos e grandes dicionários e enciclopédias com biografias-miniaturas de literatos, políticos, militares, artistas, médicos e profissões outras, além de tratarem de termos gerais de cunho interna-

cional e brasileiro.

A história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial. O primeiro trabalho importante sobre a história da ciência no Brasil foi publicado por uma equipe de pesquisadores, com certeza livro pioneiro, *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo e editado pelas Edições Melhoramentos, em dois volumes (S. Paulo, 1955), entretanto muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado, até a época da publicação do livro.

Mais recentemente foi publicada a *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário G. Ferri, já falecido, e Shozo Motoyama. É obra em três volumes, patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Editoras Pedagógica e Universitária Ltda. (São Paulo, 1979/1981), com colaboração da Universidade de S. Paulo. Com uma versão mais ampla e atualizada sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil que a anterior, pelo conjunto de matérias abordadas, este trabalho, no entanto, deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia. Sempre o mesmo defeito e mesma metodologia adotada: uma parte do Brasil, desgraçadamente, não conhece a maior porção do País, que é a Amazônia. Sofrem nesse caso principalmente a Zoologia, Botânica, Antropologia, História, Medicina, e disciplinas afins.

No Pará, até quase os dias atuais, a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lás-

tima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência, apenas mostrando a indiferença e o atraso em que o Estado tem vivido. É mais uma vergonha que um castigo. No século passado e no atual, quase nada se escreveu sobre este importante tema, muito pouco e esse mesmo fica desejar.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, a mais antiga instituição científica da Amazônia e uma das primeiras no Brasil, tem uma longa história de 123 anos e, no entanto, até 25 anos atrás, pouco ou nada existia escrito sobre ele. Dos cientistas que aqui trabalharam ou outros que emprestaram sua contribuição de alguma forma, nada se conhecia – a não ser algumas notas discrepantes e geralmente incorretas nas datas e na especialidade, apenas tratando de Emílio A. Goeldi e Jacques Huber.

Em 1938 o Diretor Carlos Estêvão de Oliveira publicou um “Resumo Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”, inserto na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro* (volume 2, páginas 7 a 19). Este trabalho tinha sido o melhor então realizado, infelizmente incompleto, cheio de lacunas e erros, que no final não informou e nem esclareceu questões que ficaram no vácuo. Carlos Estêvão, como Diretor do Museu, tinha condições para pesquisar mais profundo e redigir melhor, mas não o fez. Entretanto, uma contribuição mais correta e documentada foi apresentada por Hélio F. Camargo, antigo pesquisador do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade desse Estado (USP), com o título: “Pequena contribuição ao estudo da

História do Museu Paraense Emílio Goeldi” (*Ciência e Cultura*, 1951, volume 3, nº 1, páginas 61 a 68). O trabalho aborda aspectos da vida de Emílio Goeldi, Godofredo Hagemann, Jacques Huber e Emília Snethlage.

Finalmente, o centenário do Museu Paraense estava aproximando-se em 1966 e até então nada se sabia sobre os instantes de sua criação e nem sequer se conhecia o nome das pessoas que concorreram para esse memorável evento, exceto o de Domingos Ferreira Penna. Em vista disso, o autor do presente trabalho empreendeu no início dos anos 60 uma paciente pesquisa nos documentos dispersos aqui, ali e acolá em arquivos e bibliotecas, que tratassem ou informassem qualquer coisa sobre o Museu em geral e sobre as pessoas que nele trabalharam ou para ele emprestaram a sua prestimosa colaboração. Em 1966 uma *sumária*, correta e bem intencionada história do Museu Paraense Emílio Goeldi já estava elaborada e publicada no jornal “A Província do Pará”. Daí aos dias presentes, procuramos sempre ampliar o leque da pesquisa histórica desta instituição, acrescentando informações e esclarecendo períodos obscuros e descobrindo dados particulares com minúcias elucidativas e veracidade cristalina.

No decorrer das pesquisas sobre o passado do Museu, passamos a buscar informes exatos, tanto quanto possíveis, acerca das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da instituição desde suas origens. Em si, a parcela mais difícil, exaustiva e demorada da história do Museu, porque as pessoas de origem estrangeira que nele trabalharam ou para ele contribuíram, tiveram de certa forma notas de óbito à época do faleci-

mento em revistas alemãs, inglesas, norte-americanas e outras, nem sempre acessíveis no Pará. Quanto aos brasileiros, também existia certa dificuldade, em vista das informações sobre estas pessoas que às vezes não eram encontradas, outras apareciam apenas em notas do dia do falecimento publicadas em jornais de Belém no século passado ou no atual. Algumas pequenas biografias de certas pessoas mais importantes encontram-se em livros, dicionários, enciclopédias ou determinadas revistas científicas, culturais e de caráter geral. A maioria dessas biografias são incompletas, discordantes em datas e eventos e nem sempre ligaram o indivíduo ao convívio do Museu Paraense.

Nos últimos vinte anos o Dr. Ricardo Borges (1886-1975), nascido na Bahia, advogado, economista e conhecedor dos problemas da Amazônia, onde viveu 66 anos no Pará, ficou chocado pela deficiência de biografias das personagens relevantes à história do Estado. Foi induzido então a escrever sobre a vida dos homens que fizeram essa história. Um trabalho abnegado o do Dr. Ricardo Borges, que resultou na publicação do livro *Vultos Notáveis do Pará*, editado em 1970 pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará e republicado em segunda e ampliada edição em 1986 pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará (CEJUP), em comemoração do seu centenário. Sem dúvida, é o melhor livro de biografias que se publicou no Pará, não tanto pelo número de biografados, como pelas informações históricas de diversas épocas nelas contidas. Entretanto, está longe de ser completa. Além de conter incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, na-

turalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros, a obra de Ricardo Borges não preenche o vácuo da história da ciência no Pará e nem relembra aqueles sábios que aqui lutaram contra a ignorância, pois aí se encontram menos de dez nomes, assim mesmo com notas sumárias e algumas incorreções de datas.

Por fim, para não fazermos injustiças, referiremos o esforço realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em promover o "Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia no Pará", nos dias de 17 a 21 de junho de 1985 no qual foram abordadas as instituições, a UFPA e temas científicos por vários professores e pesquisadores. O Museu Paraense foi representado pelo ex-Diretor, Dr. José Seixas Lourenço, o qual apresentou um sumário histórico e as suas linhas de atividades até então. Os trabalhos foram publicados pela UFPA em 1985, em dois volumes, com o título *Anais do Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia*. As anotações de José Seixas Lourenço se encontram no segundo volume, nas páginas 447 a 460. Também inserimos aqui o recente trabalho "Médicos de outrora no Pará", do Dr. Clóvis Meira, médico e professor universitário, publicado em Belém em 1986 com 479 páginas.

As biografias que apresentamos aqui são o resultado de nossas pesquisas durante os últimos trinta anos, algumas foram publicadas em jornais, revistas e livros em Belém e o restante inédito. Foram elaboradas em épocas diversas de modo que tiveram de passar por rigorosa revisão de texto e atualizadas. Este trabalho engloba quatorze estudos biográficos,

dos quais alguns mereceram uma atenção especial e, portanto, contêm um aprofundamento de informações mais minuciosas de acordo com a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo. Esse conceito vale também em relação ao Pará e extensivamente ao Brasil.

No conjunto geral, já temos uma lista de algumas 70 pessoas, na qual se incluem as quatorze agora apresentadas, que em nossa opinião merecem ser biografadas, em maior ou menor amplitude, conforme a sua importância e contribuição que deram nos termos acima referidos. O presente livro faz parte de uma série de biografias, que deverão ser publicadas em futuro próximo, e desde já podemos dizer que o segundo volume poderá ser redigido pelo autor. Daí para diante, outros pesquisadores, habilitados e com a necessária paciência, poderão completar as biografias e outras que por ventura venham a aparecer no futuro. A nossa tarefa tão cheia de dificuldades foi iniciada e cumprida, não no todo como sempre desejamos, mas parcialmente. Resta muito ainda por fazer, principalmente no que diz respeito à história geral do Museu Paraense e para tanto já redigimos históricos sobre a Zoologia, Geociências, Biblioteca, Parque Zoo-Botânico e assuntos correlatos. A pesquisa meteorológica foi resgatada no trabalho de Osvaldo Cunha e Therezinha Xavier Bastos em *A Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Meteorologia na Amazônia (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 23, 86 páginas, 1973)*.

Com essas contribuições tão exatas quanto reais, é nossa esperança que possamos ajudar aos que nada sabem sobre o Museu Paraense a conhecê-lo melhor, a fim de que em dias vindouros ele venha a ser mais decisivamente auxiliado, amparado e preservado como um santuário ina-

lienável e resguardado da inépcia de más pessoas, para que o seu futuro seja tranqüilo e a ciência que nele se pratica reverta em benefício às gerações futuras, engrandecendo, assim, o Pará, a Amazônia e o Brasil.

Oswaldo Rodrigues da Cunha



Francisco da Silva Castro

(1815-1899)

O Dr. Francisco da Silva Castro foi um dos mais ilustres homens nascidos no Pará, no século XIX. Médico, cientista e político, muito culto e benemérito, dedicou sua longa vida a prestimosos serviços ao Pará. Foi o decano dos médicos paraenses e, por isso, era muito respeitado no seio da classe.

O Dr. Silva Castro foi incentivador e colaborador do Museu em 1871. Possuía conhecimentos de História Natural (Botânica e Zoologia), por meio dos quais procurava sempre estudar a fauna e a flora amazônicas. O Dr. Castro tinha uma predileção toda especial pela Arqueologia e Etnologia da região, chegando ao ponto de reunir valiosas coleções em sua casa, ou doando-as a instituições nacionais, como o Museu Paraense, ou estrangeiras. É muito importante observar isso, pois o distinto cidadão já empestava real valor científico a tais matérias, numa época em que todos julgavam estas atitudes como meras vulgaridades, curiosidades ou extravagâncias de colecionador. Silva Castro era, porém, um homem equilibrado, um homem de

ciência, e via as coisas muito além dos seus comprovicianos. Pelo seu caráter e cultura, o Dr. Castro foi, em todos os aspectos, um amigo de Domingos Ferreira Penna.

No dia 21 de abril de 1815, nasceu, em Belém, o Dr. Silva Castro, filho legítimo do cidadão português, negociante da praça de Lisboa e capitão de milícias José da Silva Castro. Com a ocupação de Portugal pelos exércitos de Napoleão, em 1808, o dito senhor veio estabelecer-se nesta capital com casa comercial de grande vulto, onde recebia em consignação todos os navios e embarcações que vinham da Europa. Depois casou-se com D. Bibiana Luiza Ardasse da Silva Castro, natural do Pará.

Concluídos seus estudos primários em Belém, Francisco Castro, com 9 anos, seguiu para Portugal e matriculou-se no Colégio das Artes em Coimbra. Após esmerado curso de humanidades, passou-se para Lisboa onde cursou a Escola Médico-Cirúrgica, completando-a com prêmios em todos os anos, devido ao seu raro talento. Em 1837, formou-se em

Medicina e então seguiu para a célebre Universidade de Louvain, na Bélgica, para no mesmo ano obter o grau de Doutor em Medicina “cum magna laude”, “distinção esta de muito destaque que jamais havia sido conferida a um estrangeiro, pelo que o ato revestiu-se de extraordinária solenidade e concorrência de intelectuais”. Assim informa em seu biógrafo na revista “Evolução”, editada em Belém, em março de 1918, página 5.

Nada mais tendo a fazer na Europa, voltou ao Pará, em 1838, o Dr. Francisco Castro, sinceramente devotado à terra em que nascera (atitude bem diversa da que ocorre com os jovens de hoje). Em Belém, o Dr. Castro encontrou um campo vastíssimo para desenvolver seus estudos médicos e pesquisas de Zoologia, Botânica, Farmacologia e assuntos relacionados com a Arqueologia e a Etnografia da Amazônia.

Devotando-se à Medicina, como um verdadeiro apóstolo, distribuiu prodigamente os seus serviços ao povo nas horas mais aflitas das epidemias que assolaram a capital paraense entre os anos de 1850 e 1855. A primeira de febre amarela e a segunda, mais fatídica, de “cólera-morbo”; em ambas o Dr. Castro recusou receber qualquer remuneração de particulares ou do Governo.

Pelos extraordinários serviços prestados contra essas epidemias, o Dr. Francisco Castro foi agraciado pelo Imperador Pedro II com o Hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo, então rara distinção. Logo após, foi-lhe conferida, pelo mesmo Imperador, a Comenda da Ordem da Rosa, acompanhada de notável carta autógrafa, em agradecimento pelos serviços prestados.

Pelos auxílios médicos aos portugueses de Belém, durante aquelas epidemias, o Dr. Castro foi agraciado pelo Rei de Portugal com as Comendas da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Antiga Nobilíssima e Esclarecida Ordem de Santiago do Mérito Científico e Literário. Esta última, pelos serviços prestados à Ciência e às Letras.

Ainda em reconhecimento aos relevantes serviços prestados aos pobres e indigentes sem distinção de nacionalidade, o Papa Pio IX conferiu-lhe, na mesma época, a Cruz de Cavaleiro da Ordem de S. Gregório Magno, com bênção papal, então a única concedida no norte do Brasil. Pelo mesmo motivo, a rainha D. Isabel II da Espanha agraciou-o com a Cruz da 2ª Classe da Ordem Civil de Beneficência.

O Dr. Francisco Castro exerceu intensa atividade durante 50 anos consecutivos. Bem cedo iniciou-se como vereador na antiga Câmara Municipal, em duas eleições sucessivas (1839-1846); foi Deputado Provincial em várias legislaturas, Presidente da Assembléia Provincial por duas vezes e Inspetor da Instrução Primária em um quadriênio. Várias Comissões Especiais foram-lhe cometidas, ora pelo Governo Imperial, ora pelo Provincial ou Municipal, com finalidades médicas, científicas ou literárias, bem como para exposições de indústrias, história e geografia do Brasil e também de etnologia.

Os conhecimentos científicos e a agudeza da observação levaram bem cedo o Dr. Francisco Castro a dedicar-se a estudos científicos, médicos, de História Natural e de Antropologia. Desde o início da década de 1860, o Dr. Castro deu grande

importância aos primeiros achados de cerâmica indígena, oriundos de Marajó e do Rio Maracá, no Amapá. Possivelmente com a sua orientação, moradores daquelas localidades desenterravam toda a sorte de potes, urnas e objetos diversos dos sítios e necrópoles de índios extintos e enviavam ao Dr. Castro em Belém. Ele deve ter sido o primeiro entre nós a dar valor científico a esse importante material. Foi através do Dr. Castro que Domingos Ferreira Penna começou a ter contato mais direto com a Arqueologia Amazônica, antes de quaisquer outros naturalistas ou aventureiros.

Na fase da criação da Associação Filomática e do Museu Paraense, o Dr. Silva Castro foi um dos principais incentivadores junto a Ferreira Penna, além de ter colaborado ativamente com ofertas de peças de História Natural e indígenas. Com a instalação do Museu em março de 1871, o Dr. Castro novamente colocou-se à disposição do mesmo e de Ferreira Penna, além de ter efetuado outra vez dádivas de peças arqueológicas e etnológicas. É justo referir a oferta de uma famosa urna de feições humanas, intacta, contendo ossos indígenas, encontrada no Rio Maracá, hoje Estado do Amapá. Esta urna foi estudada por Ferreira Penna e por Charles Hartt, que publicou um trabalho no *American Naturalist*, volume 6, 1872.

Para dar uma pálida idéia da importância da colaboração do Dr. Silva Castro, indicamos, a seguir, algumas de suas ofertas ao Museu em março de 1871, referidas por Ferreira Penna no "Jornal do Pará" de 1º de abril:

"Um flamingo da Amazônia (Ave), vulgarmente chamada entre

nós Garça cor de rosa – foi aqui dissecado e preparado.

Uma pele de jibóia, de grandes dimensões.

Uma cabeça de gentio Arara embalsamada e enfeitada, segundo o sistema dos índios, estando muito bem conservada a pele do rosto, etc. É procedente do rio Tapajós e era troféu de um guerreiro Mundurucu, que a muito custo a cedeu a um regatão a troco de objetos cujo valor foi arbitrado em 600\$000 réis.

Um ramo de planta submarina vinda do Golfo do México.

Seis ovos de inambu.

Uma grande zarabatana pintada, com a respectiva aljava também pintada.

Uma panelinha cheia de veneno "uirary" ou "curare".

Um remo das pequenas canoas empregadas na navegação do rio Araguaia.

Um tacuari para três cabeças de cachimbo.

Um urupê, tortulho de paus velhos, ou cogumelo cortical.

Um pequeno poraquê (*Gymnotus electricus*, hoje *Electrophorus electricus* (Linnaeus 1766), conservado em alcool.

Um sacórfago ou urna funerária imitando a forma humana e encerrando ossos.

O Sr. Comendador Dr. Castro remetendo ao Museu os objetos acima referidos, fê-los acompanhar de notas explicativas das quais em geral nos servimos nesta notícia".

O Dr. Silva Castro foi por muito tempo coadjuvante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, função apenas honorífica, sem remuneração. A sua contribuição foi grande não apenas nas ofertas como em várias informações científicas.

Durante alguns anos o Dr. Silva Castro manteve intensa correspondência com a Real Academia de Ciências de Stockholm, Suécia e com o Museu da Universidade de Christiania (hoje Oslo), Noruega. Essas relações de caráter científico começaram em setembro de 1864, através do Cônsul Axerblon no Rio de Janeiro, que cuidava dos negócios dos dois países nórdicos no Brasil. O principal contato do Dr. Castro era com o Dr. Magnus Huss, então Presidente da Real Academia de Ciências. As suas relações estendiam-se, também, à Sociedade Médica da Suécia, da qual foi eleito membro honorário.

A partir de 1865, o Dr. Castro começou a enviar periodicamente para aquelas instituições suecas e norueguesas grande quantidade de material arqueológico, etnológico, botânico, zoológico e mineralógico. Grande parte dessas coleções é hoje de difícil acesso para nós, ainda que estejam conservadas naqueles Museus.

Um catálogo das coleções arqueológicas e etnológicas foi recentemente publicado por Aare Möerner do Museu Etnográfico de Stockholm (Catalogue of the Silva Castro Collection, Revista Museu Paulista, N.S., vol. 11, 1959, p. 133-176), esclarecendo datas, origem e significado, todos fornecidos por informações do próprio Dr. Silva Castro. Neste catálogo, o autor citado enumera 380 peças diversas de numerosas tribos da Amazônia e apenas uma estatueta de argila dos antigos índios Tapajós.

Pela cooperação científica às instituições suecas e pelas suas memórias científicas, o Dr. Silva Castro recebeu a insígnia de Cavaleiro da Ordem da Estrela Polar e a Medalha

Berzelius de Prata da Real Academia de Ciências. O Rei da Noruega também condecorou-o com a Comenda da Ordem de S. Olavo, em atenção aos valiosos presentes etnográficos remetidos ao Museu de Christiania (Oslo). O Dr. Silva Castro foi ainda membro da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro e da Sociedade Velosiana da mesma cidade e das Sociedades de Ciências Médicas de Lisboa e Farmacêutica Lusitana de Portugal.

O Dr. Silva Castro consorciou-se em Belém com a paraense Joana Antunes Balbi Castro, filha do famosíssimo João Balbi, ítalo-brasileiro, herói da independência no Pará nos idos de 1822-23, e notável patriota pela coragem, bravura e civismo. Do enlace nasceram 12 filhos que se espalharam pelo Pará e Brasil a fora, e que em 1899 eram apenas oito, porém acrescidos de mais 42 netos e 46 bisnetos. O Dr. Francisco da Silva Castro faleceu nesse ano, dia 15 de junho, com 84 anos de idade. Atualmente ainda vivem em Belém descendentes do Dr. Castro, como por exemplo, o conhecido Dr. Lopo Alvarez de Castro, político, empresário e ex-Prefeito desta capital.

Há um caso interessante relacionado com o Dr. Silva Castro que é sempre bom esclarecer, posto que, na Bahia, existiu também um Dr. Francisco de Castro, nascido em 1857, médico também de renome e falecido em 1901. Tem havido confusão com os dois Franciscos, porém existe uma diferença muito grande não apenas na idade, como na formação, cultura e proeminência de caráter internacional. Infelizmente no sul do país o mais conhecido é o Dr. Francisco Castro, da Bahia.

**Alguns trabalhos científicos do
Dr. Francisco Castro
de importância para a Medicina
e História Natural.**

1855. Apontamentos para a Historia do Cholera-morbo no Para em 1855. Oferecidos a Junta Central de Higiene Publica do Rio de Janeiro. Para. 112 p., il.
1857. Roteiro corographico da Viagem que se costuma fazer da cidade de Belem do Gram Para para a Villa Bela de Mato Grosso... seguida das practicas e teoricas indagações que nos rios e povoações interiores fez o sargento-mor João Vasco Manoel de Braum. Para. 22 p. (Reproduzido na *Rev. Inst. Hist. Geograph. do Brasil*, 23:439-278, 1860).
1860. Enumeração dos vegetais indígenas do Brazil, empregados em medicina e mais usados, contendo a sua sinonimia ou nomes vulgares e científicos, classificação, partes empregadas, formulas, virtudes, preparações terapeuticas, etc. In: BEIRÃO, C.M. da S. *Compendio de materia medica*. Lisboa.
1865. Memorias sobre o Japiim (passaro que habita todo o Brazil e as Guianas, conhecido ao norte do Imperio pelo nome de "chechep"). Academia de Ciências de Stockholm. Anais...
1865. Nota sobre a droga "Uirary" ou Curare. Trabalho apresentado a Academia de Ciências de Stockholm. (Reproduzido na *Gazeta Medica da Bahia*, 2: 172-184, 1868).
1866. Pertence o osso fossil... *Jornal Diario do Gram Para*, 15 de abr. (Trata de um fossil encontrado proximo a foz o Rio Piria, litoral do Pará).
1868. Observações sobre o vegetal Paricary e suas aplicações terapeuticas. *Gazeta Medica da Bahia*, 2: 332-372. (Reproduzido na *Gazette médicale e de Paris*, 24. 1869).

Colaborou, também o Dr. Castro, com inúmeras informações técnicas e históricas no célebre livro do Cônego Bernardino de Souza, intitulado "Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas", publicado em Belém pela Tipografia do Futuro, em 1873. Livro hoje raríssimo, repleto de informes sobre esta região e que muito poucas pessoas conhecem. Por essa razão foi em 1988 reeditado em fac-símile pela Associação Comercial do Amazonas - Fundo Editorial. É preciso citar ainda que o Cônego Bernardino valeu-se, principalmente, também dos conhecimentos de Domingos Ferreira Penna para compendiar as páginas de seu curioso e útil livro.

Além dos trabalhos citados, existem outros conhecidos, abordando matéria médica, e também sobre questões de História Natural, os quais ainda não foram possíveis localizar. Contudo o Dr. Silva Castro colaborou intensamente com muitos verbetes sobre Zoologia e Botânica, no então muito famoso "Dicionário

de Medicina Popular” do Dr. Chernoviz, obra que saiu em várias edições no século passado.

Fontes de Consulta

1899. Notícia do falecimento do Dr. Francisco da Silva Castro. *Jornal Folha do Norte*, Belém, 16 jun.

1918. Traços bibliographicos do Dr. Francisco da Silva Castro. *Revista “A Evolução”*, Belém: 5-6.

1845-1885. Falas e Relatorios dos Presidentes da Província do Pará.